

Pouco crédito a países pobres

31 JUL 1984

por Tom Camargo
de Londres

Nos primeiros três meses de 1984 praticamente todas as operações de empréstimos que passaram pelo sistema financeiro internacional fluíram para países industrializados.

Tomadores tradicionais, como os países em desenvolvimento, quase deixaram de ter importância nesse mercado. Receberam apenas o prescrito pelos pacotes de reescalonamento — "transações compulsórias", no jargão do "métier".

Segundo o Banco para Compensações Internacionais (BIS), a instituição sediada na Suíça que funciona como banco reserva das principais autoridades monetárias do Ocidente, no primeiro trimestre de 1984 apenas 10% dos empréstimos feitos no mercado internacional foram para o Terceiro Mundo. Isto significa US\$ 2,5 bilhões sobre um total de US\$ 25 bilhões.

Estaria instaurada assim uma gigantesca "reciprocidade", pois apenas os países industrializados, que já saíram da recessão, estariam tendo acesso a financiamentos.

No último trimestre do ano passado o BIS registrou movimento de US\$ 40 bilhões em empréstimos, 17,5 bilhões dos quais canalizados para países que não estão em sua "área de cobertura". Ela compreende, além dos dez principais países industrializados, Suíça, Irlanda, Dinamarca, Luxemburgo, Áustria e os centros "off-shore" de maior importância. Pela primeira vez incluíram-se no levantamento a Finlândia, a Noruega e a Espanha.

Segundo o BIS, a diminuição dos empréstimos "refletiu uma combinação de fatores sazonais e menos necessidades dos tomadores, mais do que qualquer retutância dos bancos em aumentar seus comprometimentos com esses países".

Ao mesmo tempo que deixaram de receber, os devedores aumentaram seus depósitos no circuito internacional. Enquanto os industrializados diminuíam seus depósitos nos bancos afiliados, os países em desenvolvimento ampliavam substancialmente os seus.

Nos primeiros três meses de 1984, eles expandiram seus depósitos em US\$ 3,8 bilhões. A América Latina mandou US\$ 1,6 bilhão desse total, tendo o México como maior contribuinte.

O GATT está profundamente preocupado com um aumento nos acordos bilaterais entre os países industrializados, principalmente os Estados Unidos.

(Ver página 2)